



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ARYELLI MAGALHÃES MACIEL

**A PARTICIPAÇÃO NO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET) É
IMPORTANTE NA SUA VIDA PROFISSIONAL?**

FORTALEZA

2016

ARYELLI MAGALHÃES MACIEL

A PARTICIPAÇÃO NO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET) É
IMPORTANTE NA SUA VIDA PROFISSIONAL?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará – Campus Pici, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Izabel Gallão.

FORTALEZA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pela autora

M138p Maciel, Aryelli Magalhães.

A participação no Programa de Educação Tutorial (PET) é importante na sua vida profissional? / Aryelli Magalhães Maciel. – 2016.

37 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2016.

Orientação: Prof. Dr. Maria Izabel Gallão.

1. Programa de Educação Tutorial. 2. Biologia UFC. 3. Vida profissional. I. Título.

CDD 570

ARYELLI MAGALHÃES MACIEL

A PARTICIPAÇÃO NO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET) É
IMPORTANTE NA SUA VIDA PROFISSIONAL?

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Graduação em Ciências Biológicas da
Universidade Federal do Ceará – Campus
Pici, como requisito parcial para obtenção
do grau de Licenciado em Ciências
Biológicas.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Izabel Gallão (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Erika Freitas Mota
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Raquel Crosara Maia Leite
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pelo dom da minha vida e por todas as graças que Ele me oferece, sendo o maior mestre que alguém pode ter, meu melhor amigo e meu Pai. Agradeço a intercessão de Nossa Senhora em cada dia da minha vida, principalmente rogando ao Pai que me desse força e coragem nos anos acadêmicos.

Agradeço à minha família, meus Buscapés, que são base para quem sou hoje, que me apoiam em todas as minhas decisões e que são anjos de Deus na minha vida. Obrigada a cada um, por acreditar em mim e confiar tanto amor e carinho nesta que vos fala. Em especial, à minha heroína, Elivânia, que me fortaleceu em horas difíceis, que me orientou e que soube, desde sempre, ensinar-me o valor dos estudos.

Meus agradecimentos aos meus amigos, por cada um, de forma particular, torcer para o resultado da minha graduação. Particularmente, agradeço ao companheirismo da minha amiga Nicole, que sempre foi um ombro amigo desde os meus primeiros semestres acadêmicos. Também à minha melhor amiga Adrihelly, que há tempos me prova o valor de uma verdadeira amizade, acompanhando-me da maneira que podia na “gestação” deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). E a tantos outros amigos que, mesmo sem saber, tornaram o meu “fardo universitário” mais leve.

À minha orientadora Maria Izabel Gallão, pelo suporte que tem me dado desde o começo do curso, por sua paciência, correções e incentivos. Obrigada por ser tão mãe comigo e por não desistir dessa aluna que faltava laboratório para ir aos ensaios de ballet!

Em especial, meu agradecimento e homenagem póstuma ao meu avô, que, em toda sua sabedoria, ensinou-me valores que jamais serão esquecidos. Ele, mesmo sem saber, tornou-se o avô da cientista que ele sonhava. *Vovô, hoje se forma “a mais nova cientista do milênio.”*

“Se quiser conhecer uma pessoa não observe o que ela faz, mas o que ela ama.” (Santo Agostinho).

RESUMO

Criado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em 1979, o Programa de Educação Tutorial (PET) é caracterizado como um programa de extensão universitária, oferecendo e prestando serviços à comunidade local e acadêmica. Suas atividades são diversas, incluindo oficinas de oratória, teatro na escola, cursos de ilustração científica, entre outras. Os alunos que ingressam no programa precisam manter um elevado rendimento acadêmico, não estar recebendo outros apoios financeiros e oferecer dedicação integral ao PET. Com o desenvolvimento de atividades extensionalistas, o programa exige diferentes aptidões aos seus integrantes, explorando e criando nos alunos possíveis habilidades importantes durante a vivência acadêmica. O objetivo deste trabalho é investigar a contribuição da participação do programa para ex-petianos. Para tanto, são entrevistados, por meio de um questionário, ex bolsistas do PET Biologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e analisadas suas respostas. Após a análise dos dados, conclui-se que a participação do aluno no PET é importante para o crescimento pessoal e profissional do aluno, sendo um ponto diferencial na conquista do seu emprego e em suas relações interpessoais.

Palavras-chave: Programa de Educação Tutorial. Biologia UFC. Vida profissional.

ABSTRACT

Created by Coordination of Improvement of Higher Level Personnel (Capes), in 1979, the Tutorial Education Program (PET) is characterized as an extension program, offering and delivering services to the local and academic community. Its activities are diverse, including oratory workshops, theater in the school, courses of scientific illustration, among others. Students entering the program are not receiving other financial support and offer full dedication to the program. With the development of extensive activities, the program ends up requiring different skills for its members, exploring and creating students with important skills during an academic experience. The objective of this study was to investigate the contribution of program participation to ex-petits. To that end, they were interviewed through a questionnaire, ex fellows of the Federal University of Ceara (UFC) PET Biology and analyzed their answers. On the data's analysis, it is concluded that the student's participation in the PET is important to personal and professional growth of the student, being a differential point in the achievement of his employment and in his interpersonal relations.

Keywords: Tutorial Education Program. UFC biology. Professional life.

LISTA DE SIGLAS

Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNAAPET	Comissão Nacional de Acompanhamento e Avaliação do Programa
CODAE	Coordenação de Atividades de Extensão
CRUTAC-FRN	Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária Federal do Rio Grande do Norte
DEPEM	Departamento de Modernização e Programas da Educação Superior
EA	Educação Ambiental
ForGRAD	Fórum Brasileiro de Pró-Reitores de Graduação
Forproex	Fórum de Pró-Reitores da Extensão das Universidades Públicas Brasileiras
GDCEL	Grupo de Estudos sobre Biologia Celular
Geeduca	Grupo de Estudos em Educação Ambiental
GRA-PET	Grupo de Recepção e Acolhimento do PET
GT	Grupo de Trabalho
IES	Instituições de Ensino Superior
MEC	Ministério da Educação
PET	Programa de Educação Tutorial
PET	Programa Especial de Treinamento
PNE	Plano Nacional de Educação
Prouni	Programa Universidade para Todos
SESu	Secretaria de Educação Superior
Sinaes	Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UB	Universidade do Brasil
UDF	Universidade do Distrito Federal
UFC	Universidade Federal do Ceará
UnB	Universidade de Brasília
UNE	União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1	Histórico no Brasil – Experiências das universidades	13
2.2	A extensão universitária na Europa e na América Latina	16
2.3	A extensão universitária no Brasil	17
2.4	O PET Biologia UFC	19
3	METODOLOGIA	21
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
4.1	Perfil dos entrevistados	22
4.2	Influência do PET na vida do pós-formado	23
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS	31
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DISCURSIVO	36
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO OBJETIVO	37

1 INTRODUÇÃO

O exercício profissional em qualquer área é precedido por uma preparação, por um desenvolvimento de competências e habilidades que capacitam o indivíduo para as intervenções necessárias (SANTOS, 2004). Segundo Botomé (1988), é muito difundida a noção de que as possibilidades de exercício de uma profissão são definidas pelo mercado, assim, uma distinção entre campo de atuação profissional e mercado de trabalho. Ainda ressalta que isso precisa ser melhor estudado em relação à sua importância para a orientação da formação de profissionais do ensino superior. Refletindo-se sobre o assunto, toma-se por verdade o fato de que a experiência adquirida na graduação e o preparo para a realização de atividades profissionais são requisitos necessários e essenciais para a conquista de um emprego e para um bom desenvolvimento social pós curso de graduação.

Criado em 1979, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), com o nome Programa Especial de Treinamento (PET), esse programa foi transferido no final de 1999 para a Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação, ficando a sua gestão sob a responsabilidade do Departamento de Modernização e Programas da Educação Superior (DEPEM). Em 2004, o PET passou a ser identificado como Programa de Educação Tutorial (BRASIL, 2006).

O PET do Curso de Ciências Biológicas da UFC foi criado 1992 e conta, atualmente, com 18 alunos, entre bolsistas e voluntários, que estão sob a tutoria da Prof.^a Dr.^a Maria Izabel Gallão.

O grupo PET, uma vez criado, mantém suas atividades por tempo indeterminado. No entanto, os seus membros possuem um tempo máximo de vínculo: ao bolsista de graduação, é permitida a permanência até a conclusão da sua graduação e, ao tutor, por um período de, no máximo, seis anos, desde que obedecidas as normas do Programa. Nacionalmente, o PET conta com 842 grupos, distribuídos entre 121 Instituições de Ensino Superior (IES).

Atualmente, segundo a Secretaria de Educação Superior (SESu), o Programa conta com cerca de 400 grupos em IES públicas e privadas, em todo país. São 4.274 alunos bolsistas e 400 tutores, um para cada grupo de pesquisa (COSTA, 2011).

As atividades extracurriculares que compõem o PET têm como objetivo garantir aos alunos do curso a oportunidade de vivenciar experiências não presentes em estruturas curriculares convencionais, visando sua formação global e favorecendo a formação acadêmica, tanto para a integração no mercado profissional quanto para o desenvolvimento de estudos em programas de pós-graduação (BRASIL, 2006).

A metodologia de trabalho do PET integra grupos tutoriais de aprendizagem, compostos por um tutor, com a titulação de doutor, e doze alunos bolsistas (SILVA; CRUZ; CAMARGO, 2009). Esse método desenvolve nos estudantes a capacidade de resolução de problemas e pensamento crítico, além de oportunizar a ampliação da formação acadêmica deles pela realização de atividades de ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 2006; CASSIANI; RICCI; SOUZA, 1998; PETRILLI FILHO; MARTINS, 2001).

Os alunos ingressam no Programa por meio de seleção, a partir do 2º semestre do seu curso de graduação, e recebem uma bolsa mensal ou podem fazer parte do programa como não bolsista. Permanecem no PET enquanto estiverem no curso de graduação sob um determinado conjunto de critérios: manter bom rendimento acadêmico, dedicação integral, participação ativa e não receber outro tipo de bolsa (MARTIN, 2005).

As tarefas desenvolvidas por meio do programa são estipuladas pelos próprios integrantes (alunos bolsistas, não bolsistas e tutor) de acordo com as características estabelecidas pelo Manual de Orientações Básicas e em atendimento às orientações gerais recomendadas pela Comissão Nacional de Acompanhamento e Avaliação do Programa (CNAA-PET), para garantir a identidade do Programa em âmbito nacional (MARTIN, 2005).

O objetivo geral descrito no próprio manual do PET é o de promover a formação ampla e de qualidade acadêmica dos alunos de graduação envolvidos direta ou indiretamente com o programa, estimulando a fixação de valores que reforcem a cidadania e a consciência social de todos os participantes e a melhoria dos cursos de graduação (BRASIL, 2006).

Devido a uma maior interação da tecnologia com a ciência na produção e nas universidades, as técnicas educacionais e sociais, para se conseguir um emprego, passam a ser adaptadas a essa nova realidade.

Estratégias nacionais vêm sendo debatidas em Fóruns, como no Fórum Brasileiro de Pró-Reitores de Graduação (ForGRAD), nas quais os Pró-Reitores de Graduação das IES discutiram o Plano Nacional de Educação (PNE), visando a apontar os desafios e as perspectivas que se apresentam para as instituições de educação superior (ForGRAD, 2015).

Observou-se, ao longo do debate, que para a educação superior há metas e estratégias que se constituem como grandes desafios para as instituições e os órgãos gestores da educação superior, para se atingir os parâmetros de expansão e qualificação requeridos pela sociedade e expressos no PNE. Entre algumas metas, destacam-se: atender a 33% da matrícula líquida na educação superior, sendo que 40% das novas matrículas estejam no segmento público, ofertar no mínimo 10% do total de crédito sem programas de extensão no currículo de graduação (ForGRAD, 2015). Ou seja, o conhecimento acerca da realidade do estudante de graduação é discutido nacionalmente e a necessidade da implementação e do reforço de programas de extensão, como o PET, vem sendo sempre levada como prioridade para a formação do profissional.

Todo o debate envolvendo o destino de um aluno formado e programas universitários como um apoio para a vida acadêmica foram motivadores para a elaboração desse trabalho. Vivenciando um período de conclusão de curso, investiguei sobre a temática e assuntos relacionados. Mesmo não tendo sido aluna do PET, pude vivenciar de forma indireta os benefícios do programa, servindo, inclusive, de tema para a escrita do meu TCC.

O objetivo desse trabalho é investigar a influência que o PET do curso de Ciências Biológicas da UFC exerceu sobre alunos recém-formados em seu âmbito pessoal e profissional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Santos e Almeida Filho (2008, p. 59) consideram que: “no século XXI só há universidade quando há formação graduada e pós-graduada, pesquisa e extensão. Sem qualquer destes, há ensino superior, não há universidade”. Assim, as atividades de extensão nas universidades contribuem no processo educacional dos universitários, bem como na melhoria da qualidade de vida da sociedade e na propagação e humanização do conhecimento (FARIA, 2015).

Num âmbito acadêmico, há a restrição de algumas experiências profissionais, deixando a cargo dos projetos de extensão universitária e de outros programas universitários o papel de qualificar e capacitar de forma prática os alunos. A forma de condução das políticas educacionais no Brasil reforça o processo histórico de desvalorização social e descaso para uma adequada formação de profissionais da área, pois a educação passou a agregar elementos constituídos por valores de mercado. Dessa forma, os modelos educacionais estão intimamente relacionados com o mercado, pretendendo atingir uma demanda imposta pela sociedade.

Há autores que consideram as primeiras escolas gregas, com suas aulas abertas ao público, como os primeiros movimentos de uma extensão universitária. Rocha (2001) aponta como origem da extensão as universidades europeias medievais, em especial a Universidade de Bolonha. Ressalta-se que, nessa época, uma atividade universitária era algo bem restrito, apenas para membros seletos da sociedade.

Ainda seguindo a vertente da evolução das atividades de extensão, a universidade une-se à Igreja, caracterizada pelo movimento jesuíta. Segundo a análise de Rocha (2001), o Movimento Estudantil de Córdoba/Argentina, em 1918, torna-se marco de novos paradigmas para extensão universitária, principalmente na América Latina. Esse pensamento tem origem relacionada à uma universidade mais atuante, envolvida com a militância estudantil da época. Os ideais de acontecimentos na Europa influenciaram as universidades brasileiras, demandando uma crítica e uma nova práxis no interior das universidades (ROCHA, 2001). O contexto histórico do movimento extensionalista no Brasil, Europa e América Latina é abordado detalhadamente adiante.

2.1 Histórico no Brasil – Experiências das universidades

No Brasil, as práticas educativas com indícios de projetos extensionalistas passaram por um processo de fervos, em que a interação social dos alunos e a sua cultura viraram foco, com a criação de salas de leitura, de experiências de rádio difusão, difusão cultural e conferências abertas, com o objetivo de discutir problemáticas sociais (SERRANO, 2008).

O pensamento defendido por Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, entre o total de 25 signatários do documento, com a sua análise da sociedade e proposta de diretrizes à reconstrução educacional do Brasil, no contexto histórico da denominada Revolução de 1930, levantou questões que até os dias atuais parecem vivas, quando se vive e pensa o sistema educacional brasileiro (BEVILAQUA, 2014).

A validação do golpe, proposta pelo governo provisório de Vargas, (BEVILAQUA, 2014) em meio a tantas reformas decorrentes do contexto da década de 30, como o Tenentismo e Semana de Arte Moderna, está o [movimento] da Educação (SCHAWARTZMAN; BOMENY; COSTA; 2000), que, em 1924, funda a Associação Brasileira de Educação, reunindo uma plêiade de intelectuais inspirados nas experiências pedagógicas mais avançadas na Europa e nos Estados Unidos, que dirige as reformas educacionais em São Paulo, Ceará, Bahia e Distrito Federal (Rio de Janeiro). É a corrente pedagógica da Escola Nova, na qual estão à frente Lourenço Filho, Anísio Teixeira e Fernando Azevedo, dirigindo reformas para atender a demanda de mão de obra para o desenvolvimento industrial (BEVILAQUA, 2014). Essa corrente se confronta diretamente com a herança do sistema educacional do país, presa a tradição escolástica do ensino tradicional (SAVIANI, 2008).

A abertura, proporcionada pela Revolução de 1930, passou a ser vista como um erro a ser corrigido. A partir de 1935, são ampliadas as ideias centralizadoras e autoritárias, assegurando um clima propício à implantação do Estado Novo. Na gestão do prefeito Pedro Ernesto, ainda no ano de 1935, foi instituída a Universidade do Distrito Federal (UDF) por iniciativa e apoio de Anísio Teixeira. Apesar dos problemas enfrentados por essa Universidade, de 1935 a 1936 efetua-se a constituição de seu corpo docente e a organização de seus cursos. Com essa preocupação, buscaram-se na Europa professores para aquelas áreas em que se considerava não haver, no Brasil, profissionais suficientemente preparados (FÁVERO, 2006, p. 25).

Ainda na década de 30, há uma normatização no decreto de 1931, que define o que são as atividades de extensão. Contextualizando essa normatização, Nogueira (2001, p. 59) diz: “Registra-se que, subjacente a essas propostas, estava o objetivo de propagar os ideais de uma classe hegemônica que se instalara no poder”, sendo, portanto, uma forma de extensão manipuladora. Segundo a autora, as propostas são extremamente voltadas para o interesse político predominante na época, em que apenas os mais favorecidos financeiramente teriam algum tipo de vantagem.

No final dos anos 1940, como no início dos anos 50, começam a esboçar-se nas universidades algumas tentativas de luta por uma autonomia universitária, tanto externa como interna. Todavia, a situação é complexa. A propósito, Bittencourt (1946) *apud* Fávero (2006, p. 28) observa:

Mesmo depois do Estado Novo, quando essa Universidade se torna autônoma por decreto, a situação não mudamuito”, acrescentando: é suficiente pensar no “DASP a intervir, dia a maisdia, na vida das universidades federais, com aspereza e inciência.

A partir da década de 50, nota-se um crescente movimento de desenvolvimento no país, causado pelo crescimento econômico e pela industrialização. Esse desenvolvimento, refletido numa modernização do Ensino Superior no país, vai atingir seu ápice com a criação da Universidade de Brasília (UnB) (FÁVERO, 2006).

Ainda nesse contexto, é mais forte e evidente a participação do movimento estudantil dentro da Reforma Universitária no país. Dos seminários e de suas propostas, fica evidente a posição dos estudantes, através da União Nacional dos Estudantes (UNE), de ir contra o caráter elitista das IES. Nos seminários liderados pela UNE, são discutidas questões relevantes como a autonomia universitária, a participação dos corpos docente e discente na administração universitária, através de critério de proporcionalidade representativa entre outros tópicos relevantes (FÁVERO, 1994).

Segundo Fávero (2006), ainda na década de 60, algumas universidades, incluindo a Universidade do Brasil (UB) começam uma reformulação estrutural. O conselho universitário, no caso da UB, em fevereiro de 1962, gera uma comissão especial para tratar a questão de sua reformulação.

De seus trabalhos resulta o documento para a Reforma da Universidade do Brasil. Em junho de 1963, essas diretrizes são aprovadas pelo Conselho Universitário, mas, com o golpe militar de 1964, sua implantação é nula (FÁVERO, 2006).

Nesse panorama, o governo instituiu, em 1969, o Grupo de Trabalho (GT) da Reforma Universitária para propor “soluções realistas” e “medidas operacionais”, com o objetivo de tornar o sistema mais produtivo e eficiente. O grupo ressalta o papel estratégico do ensino superior no processo atual de desenvolvimento econômico que se encontra o país (MARTINS, 2009).

Foram discutidas, ainda dentro dos GT, as ideias para a criação dos departamentos, a institucionalização da carreira acadêmica, a introdução do ciclo básico e o regime de créditos (MARTINS, 2009).

Em 1980, diante da crise econômica presente no Brasil, notada por um grave quadro inflacionário e no aumento das taxas de desemprego, ocorreu uma desaceleração no crescimento do ensino superior (MARTINS, 2009).

Após essa fase em nosso país, há a criação do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas brasileiras, surgindo em 1987. Tendo sua primeira reunião na UnB, o Fórum de Pró-Reitores define a extensão universitária como sendo o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade (NOGUEIRA, 2000).

De 1990 a 2002, a demanda por educação superior, expressa através do número de inscrições no vestibular, cresceu aproximadamente em 160% e a oferta de vagas aumentou para 252% (MARTINS, 2009). A mudança de governo em 2003 acarretou a reorientação da política educacional, deixando o ensino público mais forte, principalmente nas universidades federais (MARTINS, 2009).

Programas como o Programa Universidade para Todos (Prouni), criado pelo governo em 2004, que visam à democratização do acesso e à permanência dos alunos no ensino superior têm sido objetos de avaliações controversas no meio acadêmico (CARVALHO, 2006).

Foi apresentado, em 2004, um novo projeto de Reforma Universitária que, oposta à realizada em 1968, foi bastante discutido pela comunidade acadêmica e pela sociedade civil. Entre outros aspectos, o projeto busca recuperar o papel do

Estado como condutor do sistema de ensino superior, regulando o funcionamento dos estabelecimentos públicos e privados (MARTINS, 2009).

Em suma ao que se disserta sobre o desenvolvimento da extensão universitária no Brasil, ressalta-se a afirmação de Faria (2015, p. 76):

A extensão universitária influencia no cumprimento dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, quais sejam: construir uma sociedade livre, justa e solidária; garantir o desenvolvimento nacional; erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais e, promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

2.2 A extensão universitária na Europa e na América Latina

De forma resumida, no início de sua difusão, a extensão universitária assumiu basicamente duas vertentes: a primeira, que se originou na Inglaterra, expressou o engajamento da universidade em um movimento mais geral, que envolveu diversas instituições; o Estado, a Igreja e Partidos, tomando uma frente contra o capitalismo (PAULA, 2013).

Liderada pelos Estados Unidos, a segunda vertente objetiva basicamente a mobilização universitária, enfrentando questões referentes à vida econômica no sentido da transferência de tecnologia, da maior aproximação da universidade com o setor empresarial (PAULA, 2013).

Nos dois casos, a extensão universitária se deu em países que, além de manterem o foco em questões políticas, não se abstiveram de assegurar tecnologia para a formação e qualificação de pessoas (FURTADO, 1992). Contrariando o Brasil, onde a criação das primeiras universidades foi apenas no século XX (LAFAYE, 1999).

A partir dos anos de 1960 que começam as mobilizações de esquerda, iniciando uma série de golpes de estado. Com isso, em outros países da América Latina e no Brasil, começam as implementações de diferentes regimes ditatoriais, como uma forma de repressão da onda de movimentos de resistência social e política (PAULA, 2013).

Mantendo-se nesse âmbito político, que se deve manter em mente a questão da extensão universitária, tanto no Brasil quanto na América Latina. No nosso país, deve-se ter em mente duas questões: 1) a relativamente recente

implantação da instituição universitária no país, que é dos anos 1930; 2) a inserção de nossa universidade no quadro político-institucional geral, que tem se modernizado seletiva e discricionariamente como reflexo da ausência de processos efetivos de distribuição da renda e da riqueza (PAULA, 2013).

2.3 A extensão universitária no Brasil

As primeiras experiências de extensão no Brasil ocorreram entre 1911 e 1917, na Universidade Livre de São Paulo, onde eram semanalmente discutidos temas sociais e políticos da época (CARBONARI; PEREIRA, 2007).

Com a proximidade da extensão com setores sociais, levou-se à inspiração de mudanças que emanavam dessa conjuntura. A prática extensionista transitou, então, do enfoque de difusão do conhecimento para o de inserção na realidade socioeconômica, política e cultural do País (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, 2006). Dessa maneira, novos sentidos foram dados às práticas de ensino, pesquisa e extensão, que tornaram-se compreendidas não somente como transmissão direta de conteúdos, mas como fruto do diálogo entre os diversos saberes, provenientes tanto da sociedade quanto da universidade (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, 2006).

Porém, a extensão somente foi oficializada a partir da primeira referência legal, a publicação do Estatuto das Universidades Brasileiras, Decreto Lei nº 19.851, de 11 de abril de 1931, tendo sido, segundo Sousa (2000), a primeira vez que o termo extensão apareceu na legislação educacional brasileira. Nesse estatuto, são descritos mecanismos operacionais da extensão (NOGUEIRA, 2005).

Define-se, ainda, que a extensão seria efetivada por meio de cursos e conferências de caráter educacional ou utilitário, enfatizando que, além da difusão do conhecimento, fossem destinados à solução de problemas sociais (NOGUEIRA, 2005).

Ainda na década de 1930, os discentes se organizam e criam a UNE, uma forma de unificação organizada nacionalmente, de expressão dos estudantes universitários, que lutavam pela concretização de uma universidade a serviço do povo brasileiro. Esse movimento foi fortemente influenciado pelos pressupostos do Manifesto de Córdoba, como já citado nesse trabalho (GURGEL, 1986).

A partir do primeiro Estatuto das Universidades brasileiras, em 1931, segundo Gurgel (1986), houve outras pequenas referências sobre a extensão universitária nos dispositivos legais ao longo das décadas, ressurgindo, segundo Sousa (2000), na Lei nº 5.540 de 1968, em um documento referente à reforma universitária, o qual estabelece a obrigatoriedade da extensão em todas as IES (BARBOSA, 2012).

Saltando para a década de 60, são notados alguns projetos de extensão universitária que, após o golpe de 1964, trouxeram a visibilidade do movimento extensionalista para o Brasil.

Dentre eles, pode-se citar o Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária Federal do Rio Grande do Norte (CRUTAC-FRN), que objetivava, a partir do treinamento universitário, desenvolver uma ação comunitária na busca do desenvolvimento regional social, sanitário e intelectual. Segundo Gurgel (1986), o objetivo era fortalecer a integração das universidades com as comunidades rurais por meio da extensão integrada com as atividades de ensino e pesquisa (BARBOSA, 2012).

O projeto Rondon definiu-se a partir da metodologia do desenvolvimento de comunidades, cuja operação pioneira aconteceu pela primeira vez em 1967, em que um grupo de alunos, com um líder e um coordenador, deslocou-se para Rondônia, desenvolvendo atividades de pesquisa, assistência médica e sanitária (BARBOSA, 2012).

Em 1970, com o avanço do número das atividades extensionistas fomentadas e consolidadas com a participação do Estado, foram propostos, em consonância com o Ministério da Educação (MEC), mecanismos para institucionalizá-las. Para isso, foi criada a Coordenação de Atividades de Extensão (CODAE) e, posteriormente, como mecanismo para operacionalização da extensão, o Plano de Trabalho de Extensão Universitária (BARBOSA, 2012).

Criado em 1987, o Fórum de Pró-Reitores da Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (Forproex) foi decisivo na construção da política de extensão que vigora hoje, tanto na conceitualização quanto na construção de instrumentos de avaliação e acompanhamento de ações de extensão (PAULA, 2013). Em 2004, o Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (Sinaes) orienta que a extensão deve pautar-se em valores educativos, tendo como prioridade sua integração com o ensino e a pesquisa, reforçando a necessidade da transferência do conhecimento

produzido nas IES e sua interferência no desenvolvimento a nível regional e nacional (CARBONARI; PEREIRA, 2007).

A universidade deve estar intrinsecamente relacionada e inserida na comunidade, realizando a troca de experiências, assimilando, revendo valores que permitam que a população se identifique como sujeito de sua própria história, visando conseqüentes mudanças das condições de vidas, para que seja possível uma superação de problemas sociais encontrados na própria comunidade (LIMA, 2003).

Bons exemplos dessas ações são os serviços de saúde oferecidos por universidades como a Pontifícia Universidade Católica de Goiás, através da Santa Casa de Misericórdia, campo de atuação de estagiários formandos em Medicina e demais cursos dessa área, construindo uma relação universidade-sociedade, na qual o acadêmico aplica o conhecimento teórico na prática e, ao mesmo tempo, a sociedade se beneficia com esse e diversos outros tipos de ações comunitárias (FARIA, 2015).

2.4 O PET Biologia UFC

O PET do Curso de Ciências Biológicas existe desde 1992; desde então, as atividades propostas são pertinentes ao modelo de atividades sugeridas pelo programa. Todas estas visam a incluir a graduação, envolvendo o corpo docente e discente do Curso de Ciências Biológicas, buscando manter a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

O PET Biologia tem como objetivo três pontos relevantes: formar alunos com desempenho acadêmico de excelência, formação ética e cidadã, trazer mudanças no processo pedagógico dos alunos/bolsistas através das atividades de ensino, pesquisa e extensão e democratizar o saber acadêmico através das atividades de extensão. O programa desenvolve atividades individuais e de grupo e alguns projetos são orientados por outros professores do Curso de Ciências Biológicas ou outros Departamentos da UFC e, ainda, sob a colaboração de Centros de Pesquisa.

O PET Biologia é um dos grupos de educação tutorial mais antigos da UFC e, costumeiramente, exerce parceria com outros grupos PET, participa e colabora em todas as atividades sugeridas pela Coordenação da Pró-Reitoria de

Graduação e Comissão Local de Avaliação/UFC e oferece, através de vários projetos, cursos e treinamentos para estudantes e professores de escolas públicas de Fortaleza. Atualmente, o grupo conta com 18 alunos, 12 bolsistas e 6 não bolsistas, estando eles matriculados entre o terceiro e o oitavo semestre do curso de Ciências Biológicas Licenciatura e Bacharelado. Todos estes seguem as orientações da atual tutora, Prof.^a Dr.^a Maria Izabel Gallão.

3 METODOLOGIA

O trabalho é caracterizado como uma pesquisa qualitativa, em que se enfatiza a resposta dos entrevistados para explicar determinado fenômeno. Baseado no objetivo do trabalho, escolheu-se como forma de coleta de dados dos entrevistados a aplicação de um questionário. Marconi e Lakatos (2003, p. 201) definem questionário como sendo “um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

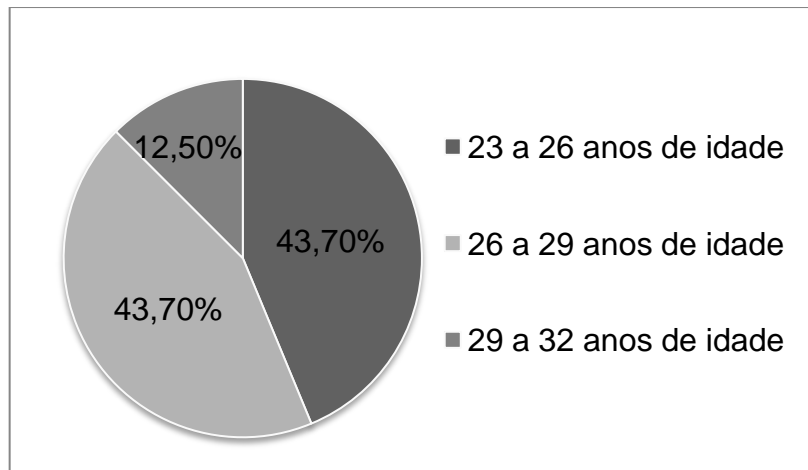
O direcionamento dos questionários se deu via *e-mail* no mês de agosto de 2016, em que os sujeitos poderiam, a qualquer momento, alterar suas respostas antes de enviá-las definitivamente, por meio da ferramenta *on-line* Google docs. Os entrevistados se voluntariaram às respostas por meio da rede social Facebook. Foi elaborado um questionário (Apêndice A) com cinco perguntas discursivas, direcionadas a dezesseis voluntários. Com o intuito de coletar um maior número de dados para futuras comparações, um pré-questionário (Apêndice B), contendo apenas perguntas objetivas, que respondiam sobre dados pessoais dos entrevistados, foi encaminhado ao voluntários.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Perfil dos entrevistados

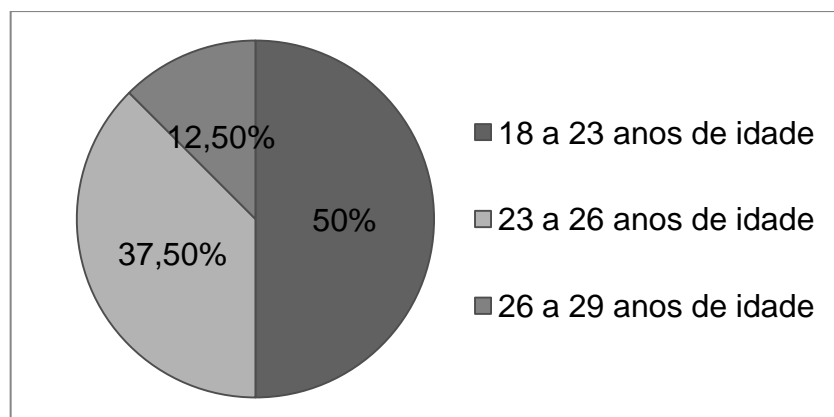
Participaram como sujeitos da entrevista dezesseis ex-alunos do curso de Ciências Biológicas da UFC, que tinham em comum ter integrado o PET durante sua formação acadêmica. Os gráficos 1 e 2 apontam, respectivamente, a idade atual dos entrevistados e a idade de conclusão do curso.

Gráfico 1 – Idade atual dos entrevistados



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 2 – Idade de conclusão do curso



Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação à oferta do seu primeiro emprego com a sua graduação acadêmica, 87,5% dos entrevistados disseram ter conseguido seu primeiro emprego

devido à sua formação acadêmica e apenas 12,5% afirmaram que seu primeiro emprego não possui relação com a sua formação superior. O que coloca em relevância a importância que um nível superior ainda trás em relação à aquisição de um emprego.

Quando lhes foi perguntado sobre o atual emprego, a maioria dos entrevistados (87,25%) trabalha na área de Ciências Biológicas, tanto no ensino quanto na pesquisa. Apenas 12,5% enveredaram por outras áreas empregatícias. Esse fato aponta que, ainda que alguns alunos tenham buscado outras áreas na busca de emprego, a maioria priorizou a sua formação acadêmica em sua carreira profissional.

O grande índice de alunos concludentes com idades entre 18 e 23 anos demonstrou, indiretamente, um bom desempenho acadêmico, um dos fatores de grande valia para a sua permanência no PET.

4.2 Influência do PET na vida do pós-formado

As respostas dos entrevistados foram expostas nesse trabalho de forma representativa. Todas as dezesseis respostas foram analisadas e aquelas que mais representaram as respostas gerais foram realçadas, a fim de tornar mais objetivo o apontamento dos resultados desse trabalho. As expectativas geradas antes do ingresso em algum programa universitário podem ser fundamentais em todo o decorrer do curso, por isso esse foi um dos primeiros dados questionados na entrevista, buscando, com isso, entender o objetivo do recém-ingresso no PET e se, por sua vez, suas expectativas em relação ao programa foram alcançadas ou não.

“Eu não conhecia muito bem os objetivos do programa, mas fui atraída pelo divulgado tripé do PET: ensino, pesquisa e extensão.” (Biólogo 3).

Devido ao caráter extensionalista do PET, ele acaba abrangendo mais que os outros programas universitários, uma vez que as atividades lá desenvolvidas pelos bolsistas envolvem áreas do conhecimento mais direcionadas ao planejamento e à execução de atividades de áreas extracurriculares. Oportunidade esta que nenhum outro programa de âmbito universitário oferece, como bolsas de iniciação científica, por exemplo.

Assim como foi citado o tripé que mantém o PET, o trabalho em grupo, refletido na resposta dos alunos quando tratam de interação social e melhoramento

de relações interpessoais, é bastante estimulado no programa e influenciou no ingresso de novos bolsistas, indicando que os alunos recém-chegados na universidade já apontam tendências para um maior desenvolvimento interpessoal.

Piancastelli, Faria e Silveira (2000) afirmam que, atualmente, mais do que nunca, o trabalho em grupo tem sido incentivado em praticamente todas as áreas das atividades humanas. Com isso, releva-se a importância profissional no desenvolvimento desse tipo de atividade, colocando o PET como uma forte influência na preparação dos jovens, tanto para o mercado de trabalho quanto para as relações interpessoais diversas. Incluindo áreas de atuação de um biólogo, são várias aquelas em que se faz necessário o trabalho em grupo. Sempre há o desenvolvimento de habilidades de trabalho coletivo, destacando o aprimoramento dessa habilidade que a participação no PET pode ter ofertado, como citado nas respostas de alguns entrevistados.

Ainda sobre o desenvolvimento de habilidades pessoais, uma das mais conhecidas atividades do PET Biologia UFC é a oferta de oficinas em diversas áreas, tais como: oratória, teatro e ilustração científica. Dentre essas oficinas, um dos entrevistados fez um destaque relevante à oficina de teatro:

Para mim, a mais marcante foi a oficina de teatro. Montamos um espetáculo, com a ajuda do tutor, para apresentar em um evento que visava a divulgação científica através da arte. Nos apresentamos em um teatro de Fortaleza. No final da apresentação, receber os aplausos do público foi maravilhoso. Como uma pessoa tímida que sou, nunca achei que fosse capaz de fazer aquilo (Biólogo 5).

A dinâmica que o PET assume favorece o ampliar de horizontes para a captação de novos conhecimentos e habilidades articuladas com a necessidade pessoal de cada um. Para Etges (2008, p. 73), a interdisciplinaridade é “uma ação de transposição do saber posto na exterioridade para as estruturas internas do indivíduo, constituindo o conhecimento”.

O PET, na sua dinâmica, valorizando a práxis humana, o aprender fazendo e refletindo sobre, colabora para a emancipação do homem, construindo a prática de atividades “lúdico-científicas”. O aluno integrante desenvolve múltiplas habilidades que repercutem em esferas sociais e profissionais, como o relato de um dos voluntários a respeito de timidez.

A percepção de “realidade acadêmica” por bolsistas do PET é expandida quando ofertadas essas possibilidades de vivências extracurriculares, como a oficina de teatro. Nesse exemplo, o PET se insere tanto na sociedade quanto na realidade pessoal de cada aluno-participante, desempenhando o papel acadêmico de divulgação científica e o papel extensionalista, levando, de uma forma inovadora, o saber mútuo, integrando o estudante à sociedade.

Em um programa de educação tutorial, Koltermann (2006) define que a atividade de tutoria favorece a habilidade de trabalho em grupo, a promoção da cooperação e do estímulo constante de seus membros, o enfrentamento de dificuldades, o respeito a objetivos comuns e uma análise menos individualista e mais criativa de problemas.

A ênfase dos alunos recém-ingressos no programa também repercute no aproveitamento de algumas qualidades, pessoais e interpessoais, que em outros tipos de programas universitários, provavelmente, não seriam aprimoradas. Esse fato é confirmado quando uma das perguntas da entrevista se refere ao aproveitamento de alguma experiência do PET para o atual emprego do entrevistado: “Meu tempo de petiana me ensinou a lidar com diferentes tipos de pessoas, me ofereceu oportunidades de liderança que hoje aplico bem no meu emprego” (Bióloga 2).

Acordando com as falas dos participantes, o PET os direcionou a um aprimoramento de suas formações acadêmicas, incitados à participação em cursos de capacitação, oficinas e eventos, dentro e fora da universidade. Todos esses tipos de atividades também os impulsionaram a uma melhor preparação profissional.

Os objetivos do programa, mesmo com toda a interação social e dinamismo acadêmico, enriquece muito o próprio desenvolvimento e crescimento pessoal do sujeito participante. Kuenzer (2000, p. 13) defende que a formação tida como práxis humana é conquistada envolvendo "conhecimentos, atitudes e comportamentos necessários ao domínio da cultura, à apropriação do conhecimento e à prática laboral", sendo tudo isso características relacionadas ao PET. Tal característica pode ser bem aplicada quando se relaciona com alguns comentários dos entrevistados nesse trabalho, que se dispõem adiante.

Interessada em conhecer as reais influências da participação do sujeito no PET em relação à sua possível aquisição de um emprego, foi colocada no

questionário uma pergunta sobre a temática, buscando averiguar dos ex-petianos se houve ou não alguma contribuição do programa nessa fase de suas vidas.

Minha participação no PET, me aprofundou em melhorar relações interpessoais. Hoje onde trabalho, preciso conviver com diferentes pessoas o dia inteiro, algo que já me era familiar desde a época do PET, não tive dificuldades para enfrentar esta tarefa (Biólogo 1).

Esse relato reflete uma ampliação da visão humanista de um ex-petiano. No momento em que o aluno recebe suas responsabilidades dentro de um grupo de participação coletiva como o PET, ele integra parte de um todo, em que várias visões são colocadas em pauta para um único fim. Gerando uma discussão mútua e uma troca de saberes e valores interpessoais.

De uma forma direta ou indireta, o aprimoramento das relações interpessoais foram pontos fortes para a conquista do novo emprego, de acordo com a percepção de ex-petianos.

O estudo de Lima e Gomes (2010) afirma que, devido ao aumento no número de pessoas com diploma, principalmente entre os jovens, houve também um aumento na concorrência no mercado de trabalho que apresenta dificuldades em absorver o volume de indivíduos que conclui o ensino superior. Ou seja, fatores que criem o diferencial de um possível contratado numa empresa serão de grande valia para a formação desses jovens ainda no processo de graduação.

Algo que vale salientar dentre as respostas dos entrevistados, situa-se em um aluno relatar que sua experiência no PET lhe favoreceu em seu primeiro emprego e em seu emprego atual, pois o propiciou novas práticas de ensino e vivências em sala de aula. Esse argumento amplia ainda o leque das relações interpessoais, evidenciando que a influência positiva do programa apresenta sucesso não só em ramos empresariais e comerciais.

O PET Biologia UFC oferta periodicamente diversas atividades para os que ingressaram na Universidade. Essas atividades são no ramo de oficinas, minicursos, palestras e eventos semelhantes. Partindo desse ponto e buscando averiguar o interesse dos participantes em práticas do Programa, foi-lhes perguntado a respeito de qual das atividades ofertadas pelo PET causava maior interesse e participação. As respostas foram bem semelhantes, salientando: cursos de férias, Interpet, PETeco e divulgações científicas.

Ainda partindo do ponto de interesse a respeito da participação dos entrevistados em atividades do PET, foi-lhes questionado sobre o levantamento de aspectos positivos e negativos na convivência do programa. Os resultados estão expostos no quadro 1.

Quadro 1 – Aspectos positivos e negativos da participação do PET segundo os entrevistados

Aspectos positivos	Aspectos negativos
Desenvolvimento da oratória	Membros interessados apenas na oferta do auxílio financeiro
Convivência com diferentes tipos de pessoas	Falta de engajamento e dedicação por parte de alguns integrantes
Habilidade para trabalhar em equipe	Demasiado número de reuniões
Desenvolver práticas de liderança	

Fonte: Elaborado pela autora.

Em suma, nota-se que o principal relato negativo dos alunos gira em torno do próprio engajamento no programa, em que se evidencia a coletividade aflorada pelos participantes na busca de efetivar os princípios do programa. Foi notório perceber, a partir das experiências relatadas pelos ex-petianos, que ao apropriar-se de responsabilidades dentro de um grupo, a interação mútua gera objetivos em comum.

Uma das vertentes vistas como negativa por ex-alunos foi o demasiado número de reuniões: “Acredito que o número de reuniões seguia de forma exagerada, creio que na maioria das vezes, não precisavam de tantas reuniões daquela forma” (Biólogo 9).

Esse fato pode ser revisto nas pautas atuais de reuniões do PET, tendo em vista o não conhecimento por meio desse trabalho do período em que o ex-petiano participou do programa.

Por último, foi questionado aos alunos se recomendariam aos calouros a participação no programa e quais orientações dariam a eles: “Sem dúvidas, diria que o PET é uma das melhores experiências acadêmicas que existem dentro da UFC. Orientaria a conhecer o programa, tanto através da leitura de textos, quanto participar das atividades promovidas pelo grupo” (Biólogo 12).

Notou-se uma unanimidade em respostas, todas de forma a incentivar o ingresso no programa e a participação de todas as atividades disponíveis nesse período.

Faz-se relevante destacar nesse trabalho algumas das atuais atividades executadas pelo PET Biologia UFC, em que se pode nortear e embasar de forma melhor os resultados explanados pelos alunos entrevistados. Os dados estão evidenciados no quadro 2.

Quadro 2 – Atividades atuais exercidas pelo PET Biologia UFC

Nome da atividade	Definição
PETeco	Consiste em atividades de Educação Ambiental realizadas periodicamente em ambientes externos à universidade, geralmente escolas públicas. O “PETeco” tem como principal objetivo o acúmulo de conhecimentos teóricos e práticos na área de educação ambiental (EA).
Grupo de Recepção e Acolhimento do PET (GRA-PET) Biologia UFC	O GRA-PET é iniciado ainda na Recepção dos Calouros, o primeiro contato dos calouros com os petianos, e consiste em uma série de dinâmicas e atividades visando a apresentar o programa. Durante o semestre também é ministrado um minicurso, visando suprir a demanda das dificuldades que os alunos novatos têm ao ingressarem no mundo acadêmico. São lembrados temas como, por exemplo, as plataformas de pesquisas e os tipos de apresentações acadêmicas.
Navegando na Ciência	Consiste em visitas periódicas do grupo PET a escolas da rede pública de ensino, nas quais são desenvolvidas atividades sobre as principais áreas de atuação do Biólogo. A atividade foi reformulada em meados de 2014 e era antes chamada de “Viajando na Ciência”.
Curso de ilustração Científica	Voltado para os alunos do Curso de Ciências Biológicas da UFC, o curso apresenta noções e técnicas envolvendo o desenho científico, fundamental para a ilustração de artigos e demais manuscritos.

Grupo de Estudos em Educação Ambiental (Geeduca)	Consiste em um espaço para discussão sobre temas pertinentes sobre a EA. Também realiza atividades periódicas em ambientes externos à universidade.
Grupo de Estudos sobre Biologia Celular (GDCEL)	Espaço para discussões sobre a Biologia Celular e áreas relacionadas. Semanalmente, promove discussões de artigos, debates participativos e palestras com professores/pesquisadores que atuam na área.
Grupo de Estudos em Ensino de Ciências	Espaço de formação para os integrantes do PET Biologia UFC, no qual são discutidos importantes temas voltados ao ensino de Ciências e Biologia como, por exemplo, modalidades didáticas e aprendizagem significativa.
Feira das Profissões	Participação de Feira das Profissões em escolas públicas de Fortaleza. Essa atividade é realizada em Parceria com o InterPET Ceará (União dos Grupos PET do Estado do Ceará).

Fonte: Elaborado pela autora em colaboração com o PET.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A repetição dos termos “trabalho em equipe” e “práticas de liderança” mostra a elevada capacidade do PET na formação de habilidades pessoais importantes para o bom desempenho profissional dos seus participantes. Indicam, ainda, que a participação dos alunos no PET é importante para sua carreira profissional.

As ações do PET despertam a interação do ensino, idealizadas em palestras educativas, a extensão pela parte prática do projeto dentro e fora do campus, com a comunidade universitária e geral. O desenvolvimento de atividades acadêmicas em padrões de qualidade de natureza coletiva e interdisciplinar e a contribuição para a elevação da qualidade do ensino superior no Brasil também são pontos de relevância observados nesse projeto de extensão universitária.

Podemos concluir que a participação no PET apresenta influência positiva para a vida de recém-formados, atuando de forma a colaborar em âmbitos profissionais e pessoais da vida deles.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, V. C. **Extensão universitária**: proposição e validação de um instrumento de avaliação da percepção dos discentes. 2012. 131 f. Dissertação (Mestrado em Administração) — Faculdade de Ciências Econômicas Administrativas e Contábeis de Belo Horizonte da Fundação Mineira de Educação e Cultura, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<http://www.fumec.br/anexos/cursos/mestrado/dissertacoes/completa/valeska-cristina-barbosa.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2016.
- BARROS, P. C. R.; MENDES, A. M. B. Sofrimento psíquico no trabalho e estratégias defensivas dos operários terceirizados da construção civil. **Psico-USF**, v. 8, n.1, p. 63-70, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos_e_textos/O_trabalho/002%20-%20Sofrimento%20ps%EDquico%20e%20estrat%E9gias%20defensivas%20dos%20oper%E1rios.pdf>. Acesso em: 23 set. 2016.
- BEVILAQUA, A. P. John Dewey e a Escola Nova no Brasil. **Ciência e Luta de Classes Digital**, v. 1, n. 1, p. 3-18, maio 2014. Disponível em: <http://www.ceppes.org.br/revista/edicoes-anteriores/edicao-agosto-de-2014-n-1-v-1/bevilaqua-john-dewey-e-a-escola-nova-no-brasil/at_download/file>. Acesso em: 13 out. 2016.
- BOTOMÉ, S. P. Em busca de perspectivas para a psicologia como área de conhecimento e como campo profissional. *In*: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem é o psicólogo brasileiro?** São Paulo: EDICON, 1988. cap. 15. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/ebooks2010/en/Acervo_files/QuemPsicologoBrasileiro.pdf>. Acesso em: 23 out. 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Apresentação - PET. **Ministério da Educação**, c2016. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pet/pet>>. Acesso em: 15 dez. 2016.
- _____. Ministério da Educação. **Programa de Educação Tutorial (PET)**: manual de orientações básicas. Brasília, 2006. Disponível em: <http://proeg.ufam.edu.br/attachments/128_petmanual_2005.pdf>. Acesso em: 12 set. 2106.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Superior. **Diretrizes da Comissão Nacional de Acompanhamento e Avaliação (CNAA) do PET - Programa de Educação Tutorial**. Brasília, DF, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/PETDiretrizes.pdf>>. Acesso em: 7 ago. 2004.
- CARBONARI, M. E. E.; PEREIRA, A. C. A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade. **Revista de Educação**, Itatiba, v. 10, n. 10, p. 23-28, 2007.

CARVALHO, C. H. A. O Prouni no governo Lula e o jogo político em torno do acesso ao ensino superior. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 27, n. 96 - Especial, p. 979-1000, out. 2006. Disponível em:

<<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/24519/1/S0101-73302006000300016.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2016.

CASSIANI, S. H. B.; RICCI, W. Z; SOUZA, C. R. A experiência do Programa Especial de Treinamento na educação de estudantes de graduação em enfermagem. **R. Latino-Am. Enferm.**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 63-69, jan. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v6n1/13922.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2016.

COSTA, F. J. **Política pública voltada ao incentivo do ensino, pesquisa e extensão da educação superior brasileira: o caso do PET – Programa de Educação Tutoria**. 2011. 48 f. Monografia (Graduação) – Curso de Administração, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2397/1/2011_FabianoJosedaCosta.pdf>. Acesso em: 13 set. 2016.

DOWNE-WAMBOLDT, B. Content analysis: method, applications, and issues. **Health Care Women Int.**, v. 13, n. 3, p. 313-321, jul./set. 1992.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

ETGES, M. F. **O valor do trabalho em grupo na formação acadêmica e profissional do biólogo: um estudo de caso do PET Biologia**. 2012. 39 f. TCC (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/72336/000873069.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 22 set. 2016.

ETGES, N. J. Ciência, interdisciplinaridade e educação. *In*: JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (Org.). **Interdisciplinaridade para além da filosofia do sujeito**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 51-84.

FARIA, J. P. Extensão universitária como mecanismo de desenvolvimento educacional e social no Brasil. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 25, n. 1, p.75-82, jan./mar. 2015. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article/download/4158/2380>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

FÁVERO, M. L. A. A Universidade no Brasil: das origens à reforma universitária de 1968. **Educar**, Curitiba, n. 28, p.17-36, jun. 2006. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/educar/article/download/7609/5423>>. Acesso em: 5 out. 2016.

_____. Vinte e cinco anos de reforma universitária: um balanço. *In*: MOROSINI, M. C. (Org.) **Universidade no Mercosul**. São Paulo: Cortez, 1994. p 149-177.

FÓRUM BRASILEIRO DE PRÓ - REITORES DE GRADUAÇÃO. Cartas. **Forgrad – Ufam**, 2015. Disponível em: <<http://www.forgrad.ufam.edu.br/forgrad/index.php/documentos/cartas>>. Acesso em: 12 out. 2016.

FURTADO, C. **Brasil: a construção interrompida**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2016.

GURGEL, R. M. **Extensão universitária: comunicação ou domesticação?** São Paulo: Cortez, 1986.

JEZINE, E. “Mutiversidade e Extensão Universitária”. *In*: FARIA, D. S. (Org.). **Construção conceitual da extensão na América Latina**. Brasília, DF: UNB, 2001.

KOLTERMANN, P. I. **Educação Tutorial no Ensino Presencial: a experiência do PET na UFMS**. [S.l.: s.n.], 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/PET/pet_texto_i.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2016.

KUENZER, A (Org.). **Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2000.

LAFAYE, J. A literatura e a vida intelectual na América Espanhola Colonial. *In*: BETHELL, L. (Org.). **História da América Latina**. São Paulo: EDUSP, 1999. vol. 2.

LIMA, A. V. Q.; GOMES, M. W. F. “Estou formado(a), e agora?": uma análise sobre o sofrimento psíquico de desempregados recém-formados em instituições de nível superior em São Luís-MA. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 17, n. 3, p.37-46, dez. 2010.

LIMA, C. L. D. C. O papel da extensão na universidade. **Leopoldianum**, Santos, v. 28, n. 78, p. 11-38, jun. 2003.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: <http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india>. Acesso em: 5 set. 2016.

MARTIN, M. G. M. B. **O Programa de Educação Tutorial-PET: formação ampla na graduação**. 2005. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005. Disponível em: <<http://www.petquimica.ufpr.br/documentos/dissertacao.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

MARTINS, C. B. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, n. 106, p.15-35, jan./abr. 2009.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n106/v30n106a02>>. Acesso em: 13 ago. 2016.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2005.

NOGUEIRA, M. D. P. Extensão universitária no Brasil: uma revisão conceitual. *In*: FARIA, D. S. (Org.). **Construção conceitual da extensão na América Latina**. Brasília, DF: UNB, 2001.

_____. **Políticas de extensão universitária brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

NOGUEIRA, M. D. P. (Org.). **Extensão universitária: diretrizes conceituais e políticas – Documentos básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras 1987-2000**. Belo Horizonte: PROEXT/UFMG/Fórum, 2000.

PAULA, J. A. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces: Revista de Extensão**, Minas Gerais, v. 1, n. 1, p.5-23, nov. 2013. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/revistainterfaces/index.php/IREXT/article/view/5/pdf>>. Acesso em: 16 out. 2016.

PETRILLI FILHO, J. F.; MARTINS, D.C. O Programa Especial de Treinamento na formação de profissional de enfermagem do novo milênio: relato de experiência. **Rev. Latino-Am. Enferm.**, Ribeirão Preto, n. 9, v. 4, p. 91-93, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v9n4/11490.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2016.

PIANCASTELLI, C. H.; FARIA, H. P.; SILVEIRA, M. R. O trabalho em equipe. *In*: SANTANA, J. P. (Org.). **Organização do cuidado a partir de problemas: uma alternativa metodológica para a atuação da equipe de saúde da família**. Brasília: OPAS/Representação do Brasil, 2000. p 45-50.

PLANO nacional de extensão universitária. **Renex - Proex – UFMG**, c2017. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/index.php?option=com_content&view=article&id=45&Itemid=20>. Acesso em: 10 nov. 2016.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. **Política de extensão universitária da PUC Minas**. Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www2.pucminas.br/documentos/politica_de_extensao.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2016.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, R. M. G. A Construção do conceito de extensão universitária na América Latina. *In*: FARIA, D. S. (Org.). **Construção conceitual da extensão na América Latina**. Brasília, DF: UNB, 2001.

SANTOS, B. S.; ALMEIDA FILHO, N. **A universidade no século XXI**: para uma universidade nova. Coimbra: [s.n.], 2008. Disponível em: <<https://ape.unesp.br/pdi/execucao/artigos/universidade/AUniversidadenoSeculoXXI.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

SANTOS, M. L. Extensão universitária e interdisciplinaridade: uma discussão em torno da universidade contemporânea. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PUCPR - PRAXIS, 6., 2006, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: Champagnat, 2006. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-254-TC.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2016.

SANTOS, W. **Expectativas de estudantes de psicologia em relação a seu futuro trabalho profissional**. 2004. 94 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/87500/221580.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

SAVIANI, D. **A pedagogia no Brasil**: história e teoria. Campinas: Autores Associados, 2008. (Coleção Memória da Educação).

SCHWARZMAN, S.; BOMENY, H. M. B.; COSTA, V. M. R. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SERRANO, R. M. S. M. **Conceitos de extensão universitária**: um diálogo com Paulo Freire. [S.l.: s.n.], 2008. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf>. Acesso em: 19 out. 2016.

SILVA, V. A.; CRUZ, J. B. R. L.; CAMARGO, C. L. O Programa de Educação Tutorial (PET) como instrumento pedagógico para os alunos de enfermagem. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 22/v. 23, n. 1, 2, 3, p. 57-66, jan./dez. 2008, jan./dez. 2009. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/4987/3623>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

SOUSA, A. L. L. **A história da extensão universitária**. Campinas: Alínea, 2000.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DISCURSIVO

O que você esperava do Programa de Educação Tutorial (PET) quando decidiu inscrever-se para o programa? *

Sua resposta

Das atividades exercidas pelo PET, com qual delas você mais se identificava? *

Sua resposta

Na sua atual ocupação, o PET teve algum tipo de influência, de forma a colaborar ou prejudicar seu desempenho profissional? *

Sua resposta

Caso algum recém ingresso lhe pedisse orientação a respeito do PET, quais orientações você daria? *

Sua resposta

Cite aspectos positivos e negativos que você pode observar durante seu período como petiano. *

Sua resposta

Houve algum tipo de experiência muito marcante durante as atividades do PET que você acha importante relatar? *

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO OBJETIVO

Qual sua renda mensal? Caso não conste nas opções, especificar. *

- 100 - 400 reais
- 400 - 600 reais
- 600 - 800 reais
- 800 - 1.200 reais
- Não possuo renda mensal fixa
- Outro: _____

Com quantos anos você se graduou? *

- 18 - 23 anos
- 23 - 26 anos
- 26 - 29 anos
- 29 - 32 anos

Você possui algum tipo de ocupação empregatícia? Se sim, qual? *

- Sim
- Não
- Vida acadêmica (especificar)
- Outro: _____

Qual sua faixa etária? *

- 18 - 23 anos
- 23 - 26 anos
- 26 - 29 anos
- 29 - 32 anos

Qual o seu primeiro emprego depois de formado(a)? *

Sua resposta: _____

Em caso de possuir alguma ocupação, você conseguiu graças à sua graduação? É alguma área da Biologia? *

- Sim
- Não

ENVIAR